

Os Estudos Culturais: o Real Midiático, o Real Cotidiano e a Pós-Modernidade do Mundo em Rede¹

Mauro Roberto Freire de SOUZA²

Gilson Vieira MONTEIRO³

Resumo

O exame das complexidades do homem em relação dialógica ao outro e à sociedade, intermediados pelos meios de comunicação no decorrer da história, vem possibilitando uma riqueza inestimável de pontos e contrapontos no aclarar das Teorias da Comunicação. Cada uma delas, contemporaneamente – e mesmo ulteriormente, em suas múltiplas variâncias de pontos focais tornou-se pródiga em engendramento de rizomas e pensamentos complexos, caprichosamente desvelados como um novelo que traz em seu fio condutor uma essência que, simultaneamente, dá sentido aos pensamentos antagônicos ou complementares, em uma autopoiese ontológica. A partir da análise da corrente teórica Estudos Culturais, surgida na Inglaterra na década de 60, identificaremos a inter-relação dos conceitos do real e sua pertinência e atualidade para análise dos modelos ecossistêmicos comunicacionais de redes distributivas da pós-modernidade.

Palavras-chave

Teoria da Comunicação; Estudos Culturais; Pós-Moderno; Redes Sociais; Ecossistemas Comunicacionais

Introdução

A análise da comunicação na pós-modernidade do mundo em rede, sobretudo no ambiente do pós-humanismo flusseriano, requer uma coletânea de significações

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, e-mail: maurosouza@me.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, e-mail: gilsonvieiramonteiro@yahoo.com.br

conceituais construídas ao longo dos anos pelas Teorias da Comunicação. Hoje a cibernética é o ponto de estação no momento presente, fundada na internet e nas redes sociais. É preciso resistir à tentação de reduzir a condição trans-humana a qualquer ordem simplesmente empírica, como o estado biológico ou tecnológico ou aos exageros de uma espécie de super-humanismo (FELINTO, 2012). É a partir da compreensão do conceito de construção do real, oriundo das múltiplas relações sociais e comunicacionais que iremos entender de como chegamos aqui, o ponto onde estamos e quais as pistas para um futuro que autopoieticamente desvela um mundo desafiador e quase impossível de qualquer previsibilidade.

O ponto de partida: os Estudos Culturais

Para falarmos da importante contribuição que a corrente teórica dos Estudos Culturais trouxe para a discussão das Teorias da Comunicação e, conseqüentemente, para o estudo da pós-modernidade na rede é necessário apresentarmos o contexto histórico que fecunda seu surgimento, cujas características marcam uma inquietação que se estende até o universo de redes distributivas e ecossistêmicas comunicacionais que vivemos nos dias atuais.

Nas décadas de 40/50, majoritariamente nos Estados Unidos, os pesquisadores da comunicação desenvolviam metodologias voltadas para a Comunicação de Massa, sobretudo para o reconhecimento de formas de impactos da mensagem junto ao público-alvo e para o aprimoramento de técnicas que influenciassem o grande potencial de consumo decorrente da industrialização, instrumentalizadas pelos veículos de massa, como o cinema, o rádio e a televisão. Eram mecanismos que serviam para a regulação da sociedade e para a reprodução dos valores do sistema social, do estado das coisas existente (MATTELART, 2014). Além da vertente funcionalista, alguns nomes dos teóricos da Escola de Frankfurt, exilados no Estados Unidos, desenvolviam uma teoria crítica inspirada num marxismo em ruptura com a ortodoxia e imbricados na discussão dos meios de comunicação como formas de poder e dominação, cuja violência simbólica desembocam na indústria cultural (ARAUJO, 2008). A produção de bens culturais era analisada como uma produção de mercadoria, num paralelo com a produção automóveis em série, deslocando a clivagem da discussão tecnológica para a econômica. “O terreno em que a técnica adquire seu poder sobre a sociedade é o terreno dos que a dominam economicamente” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). É a cultura

sendo desvanecida pela indústria cultural com a mercadoria representando a padronização com fins de rentabilidade econômica e controle social.

Numa abordagem linguística, Ferdinand Saussure funda as bases do estruturalismo, ampliando a teoria da linguagem para as ciências humanas, através de “uma ciência que estude a vida dos signos no interior da vida social” (SAUSSURE, 1997). Nomes como A.J. Greimas e Roland Barthes levam adiante a discussão semiológica para o discurso da mídia e dos “mitos contemporâneos”, encontrados nas comunicações de massa e que se definem como linguagens conotadas, isto é, cujo funcionamento e implicações ideológicas são inerentes a comunicação de massa.

É neste contexto, na década de 60, na Inglaterra, que uma corrente de pesquisadores sediados na Escola de Birmingham, no Centro para Estudos Culturais Contemporâneos, apresenta uma contraposição crítica tanto ao tecnicismo, ao funcionalismo e até mesmo ao estruturalismo. Nomes como Raymond Williams, E.P. Thompson e Stuart Hall abordam uma teoria multidisciplinar, com uma complexidade de objetos de investigação, tendo a cultura e os impactos dos meios de comunicação sobre ela como seu ponto focal. Para os Estudos Culturais, a cultura é identificada como manifestação heterogênea e diferenciada, que não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas. É uma visão que representou uma mudança paradigmática na forma de compreender o consumidor da mensagem. Este deixa de ser visto como um ser passivo e diretamente influenciado e manipulado pelas mídias para ser um ator social, inserido em um ambiente cultural e que mantém uma relação bilateral com ele (CARNIELLO; SANTOS, 2011).

Princípios e conceitos centrais dos Estudos Culturais: o simbolismo e a identidade

A partir dos estudos desenvolvidos em áreas de população com alto índice de pobreza, os estudiosos da corrente constataram que a realidade e o sentido de realidade são constructos sociais, baseados nas relações e na vivência dos indivíduos. As crenças são fundadas a partir das percepções da realidade, ou seja, ela é fruto das práxis do dia-a-dia e se funda na forma como os diversos atores interagem ao meio e a maneira a qual a ele se sujeitam. Como na Escola de Frankfurt, os Estudos Culturais corroboram com a crença que a sociedade é marcada pela constante luta pelo poder e que são exatamente

os códigos culturais que criam identidades tanto para o produtor quanto para o receptor, numa relação dialógica e constante.

Existem dimensões do que é o real e como ele se constitui. O real cotidiano é elaborado a partir dos valores e das rotinas vivenciadas diretamente pelas pessoas. O real midiático, por sua vez, é a dimensão relacionada a tudo que se produz de simbólico através dos meios massivos de comunicação. E é em suas diferenças, conflitos e contradições, mas também em suas intersecções e identidades, que essas realidades constituem o que podemos chamar de real social. Este é um dos pontos centrais que tornam a contribuição dos Estudos Culturais atual e importante para o mundo pós-moderno das redes em que vivemos. Isto porque, tem-se hoje nos ambiente de rede o real social fortemente influenciado pelas informações geradas pelos próprios usuários, num nível estrutural similar aos grande grupos de comunicação. O conceito do que é notícia, quem produz, qual a sua veracidade acaba gerando conflitos e dissonâncias como a pós-verdade, conceito que extrapola os objetivos deste trabalho, mas de grande importância para entender os aspectos comunicacionais dos dias atuais.

Faz-se mister identificar ainda o importante papel dos meios de comunicação na constituição de identidades de gênero, de classe, geracionais e culturais, donde destacam-se as relações de cultura e poder, particularmente, as desigualdades do poder relacionado à raça, à classe social, à questão de gênero e ao colonialismo. Para esta corrente, a linguagem, as imagens visuais têm papel simbólico na criação de significados, em especial em relação às questões de poder. Isto porque diante da representação enquanto processos e formas comunicacionais, a comunicação, de acordo como se apresenta, pode distorcer a significação cultural, afetando, em última análise, no nascedouro de sua produção, a forma como produtos serão concebidos e ainda como serão interpretados pelo público.

Diante deste contexto, são recorrentes e marcantes os questionamentos acerca dos significados possíveis a serem extraídos da mídia quando da sua leitura bem como a maneira pela qual cada audiência interpreta a comunicação. Será que a questão da identidade cultural emerge na reflexão de como podemos nos identificar em relação à nós mesmos e às outras pessoas? Será que os produtos culturais ou a mídia contribuem para esta identificação?

A inter-relação dos Estudos Culturais com a Pós-Modernidade em rede

Apesar do distanciamento temporal e mesmo ontológico que separam os questionamentos das Escolas Culturais e a Era Digital, possibilitando, por vezes, uma miopia e até certo anacronismo (MARCONDES FILHO, 2013), podemos reconhecer que a complexidade do pensamento sistêmico não dispensa, ao contrário, acolhe todas as reflexões acerca das Teorias da Comunicação no intuito de um recorte epistemológico fragmentado e atual que permita avaliar a cultura com uma autonomia relativa. O homem como um ator social mantém uma relação bilateral com a mídia, de forma a ser influenciado por ela e, ao mesmo tempo, a influencia-la.

Nas palavras de PEREIRA, 2011, p. 51 acerca do conceito de Ecossistemas Comunicacionais:

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura.

No ambiente pós-moderno das redes, mormente nas redes sociais, esta característica é muito marcante. Emissor e receptor da mensagem são um, ainda que haja a predominância de grupos econômicos como atores destacados. Não é que a cultura seja dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, como enfatizado pela Escola de Frankfurt, mas tem influências e sofre, inevitavelmente, consequências das relações político-econômicas diante de um ambiente ecossistêmico comunicacional. Através da análise da cultura de uma sociedade é possível reconstituir o comportamento padronizado e as ideias compartilhadas nas práticas culturais daquela sociedade. É inequívoco que, se há certa submissão no âmbito popular no que tange a produção cultural por um setor dominante, há que se reconhecer que também existe a resistência, pois é nas relações de opressão das classes, sexos, raças e estratos sociais que existe a sociedade como um conjunto hierárquico e antagonizado de relações. A cultura popular alcança legitimidade, transformando num lugar de atividade crítica e de intervenção, sobretudo numa pós-modernidade de redes sociais onde todos têm a vez e a voz com instrumento de participação e de pertencimento.

Com a realidade pós-moderna, fragmentada, participativa, de muitos para

muitos, a construção de uma tendência de questionar o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais rompem com uma polarização entre alta cultura e baixa cultura, rompimento este já observado pelos Estudos Culturais e a análise dos meios e potencializado hodiernamente.

Vivemos um sistema cultural que a maioria das pessoas compartilha e conhece através das redes distributivas. E aqui faz-se uma evolução: no ambiente das redes, muitas vezes o que se tornou popular pelo e para o povo, é também criado pelo povo. Ainda que boa parte das comunicações sejam produzidos por grandes conglomerados midiáticos para consumo, a internet, sobretudo através das redes sociais, vem reforçando o conceito da cultura popular, onde se nos apresenta um mundo através de uma produção diversificada.

Os acirramentos das estruturas ideológicas atualmente estão mais focalizados em tribos morais (GREEN, 2014) que ultrapassam as divergências dos Estudos Culturais tanto com relação ao Funcionalismo quanto em relação à Teoria Crítica, pois onde o Funcionalismo via um grande organismo vivo, tendendo ao equilíbrio, no qual os conflitos eram tratados como anomalia ou, onde a Teoria Crítica via uma sociedade dominada, submetida completamente ao poder do capitalismo e da mídia, os Estudos Culturais vão ver o conflito, a luta, a disputa da hegemonia por classes, setores e blocos diferenciados (BRITO, 2006).

É inegável que existe uma classe dominante, produtora de conteúdo e de ideologia padronizadora. A sociedade não é harmônica e sim conflitiva, em processo de disputa permanente e a análise tanto da cultura e quanto da comunicação se constitui numa arena decisiva para a luta social e política na sociedade contemporânea e pós-moderna. Os Estudos Culturais reconhecem que existem intencionalidades de dominação por parte das Industrias Culturais. No entanto, partem de uma visão de que existem muitos elementos intervenientes que fazem com que estas intencionalidades se realizem ou não, em partes ou integralmente. “Reconhecer que os emissores não são os todo-poderosos do processo de comunicação não pressupõe desconsiderar que eles detêm um poder no conflito e na disputa existente na sociedade. Relativizar seu poder de mando não quer dizer subestimá-lo” (MARTINO, 2009).

Assim, no campo das redes ecossistêmicas, as mediações sociais são decisivas para determinar como se realiza o processo comunicacional em cada sociedade, donde se parte de uma visão de que é necessário antes de tudo reconhecer as especificidades da

constituição de dada sociedade, seus dados de configuração histórica, para, a partir deles, buscar entender como os meios atuam.

Conclusão

A partir das mediações sociais e do ambiente pós-moderno de rede, as pessoas se “relacionam” com a comunicação de massa, estabelecendo negociações simbólicas a partir da oferta proposta pelos veículos, mas também de sua visão de mundo, de seus hábitos e crenças, ou seja, de sua cultura. O pós-humanismo flusseriano é popular e crítico, é linha filosófica porque coloca o ser humano face a face com aquilo que parece estranho, mas que revela semelhanças insuspeitas com a nossa condição (FELINTO, 2012). Sem idealizações desse público e de suas capacidades, fica clara a visão de que ele se constitui por ação ou omissão em sujeito do processo, ator que determina o desfecho da trama em questão e que, num ambiente cibernético, mediado pelas redes, o real midiático e o real social são preponderantes e se distanciam do real cotidiano.

Referências

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max; **A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

ARAÚJO, Carlos Alberto. **A pesquisa norte-americana.** In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** In: **Magia e Técnica, Arte e Política.** Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Brasília, Brasiliense, 2012.

BRITTO, Rovilson Robbi. **As teorias da comunicação.** São Paulo: FAPCOM, 2006.

CARNIELLO, Monica Franchi; SANTOS, Moacir José dos. **A contribuição dos estudos culturais para a compreensão do consumidor contemporâneo.** Latin American Journal of Business Management. V.2, n.1, p.45-55, jan-jun/2011, Taubaté, SP.

ESCOTEGUY, Ana Carolina. **Os estudos culturais.** In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação – Conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. **A pesquisa vista “de dentro de casa”.** In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antônio. **Tensões e Objetos: Da pesquisa em Comunicação.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia. **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo**. São Paulo: Paulus, 2012.

FRANÇA, Vera; HOHLFELDT, Antônio. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. Capítulo 3.

_____. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. Capítulo 6.

FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GREEN, Joshua. **Moral Tribes: Emotion, reason and the gap between us and them**. London: Atlantic Books, 2014.

MACHADO, I. **O ponto de vista semiótico**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. P.279-307

MARCONDES FILHO, Ciro. **Nova teoria da comunicação, v.1: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico**. São Paulo: Paulus, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: Ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **Ecosistemas comunicacionais: uma proposição conceitual**. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva; LIMA, Regina Lúcia; AMARAL FILHO, Otacilio (orgs). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011. P.49-63

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação: O pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RUDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.